

"A ARTE COMO INTERPRETAÇÃO DE UM MISTÉRIO"*

Maria do Carmo T. de MIRANDA
(Instituto Joaquim Nabuco - Recife)

RESUMO

Neste artigo o autor discute o significado da obra arquitetônica de O. Niemeyer chamado "Memorial da América Latina". A partir de certas categorias como o obscuro, o oculto, o secreto, o desconhecido, o autor apresenta uma interpretação hermenêutica da obra de arte.

ABSTRACT

In this article the author presents an interpretation of O. Niemeyer's work called "Memorial da América Latina". From categories such as obscure, secret, unknown, the author argues for an hermeneutic point of view concerning the meaning of work of art.

A última obra arquitetônica de Niemeyer acaba de ser inaugurada em São Paulo. O artista brasileiro que planejou Brasília, sua catedral, seus grandes edifícios e monumentos, colocou no centro de São Paulo seu trabalho criador. Pode-se ver as formas arquitetônicas que falam do artista e ao mesmo tempo fazem transparecer a idéia central que tratou de exprimir. É o "Memorial da América Latina", que fala da união dos povos da América, de sua situação, seus problemas, sua integração, segundo Niemeyer.

(*) Tradução de Constança Marcondes César.

O conjunto dos edifícios do Memorial, no centro da cidade mais industrializada do Brasil oferece a imagem da dança do mundo tropical, suavizada por curvas, arcos, círculos e semi-círculos e por uma passagem sinuosa acima da rua para estabelecer uma união entre a "Biblioteca" e o "Pavilhão da Criatividade". São ritmos diversos que estabelecem modulações de obra em obra. Esta remete para além de si mesma, em direção a uma questão mais importante: a integração e a liberdade dos povos da América Latina.

E esta obra, estabelecida como novo modo de existência, comporta um jogo de múltiplas possibilidades e fala de dentro de si mesma de transfiguração e apelo. Movimento e repouso, visível e invisível se apossam do homem todo e o impulsionam aos questionamentos.

Uma obra tão real e tão cheia de possibilidades. O que ela é, o é movendo-se indefinidamente em suas formas. Estas, como gestos abrem um novo espaço que continuamente diz passagem em direção a outro. E cada vez mais as formas se metamorfoseiam.

É a obra de arte que estabelece diálogos entre o criador e a realidade entrevista por ele e sua interpretação por aqueles que terão perante os olhos as figuras da obra estabelecida, da obra sempre em obra por si mesma. Há, pois, na obra de arte uma abertura, um horizonte de possibilidades que são tão reais como o real é possível e imaginário, capaz de transfigurações.

Este ponto de partida, a obra arquitetônica de Oscar Niemeyer, seja em Belo Horizonte com a pequena capela de Pampulha, feita por ele, seja em Brasília, seja em São Paulo, pode ser útil para recriar a ambiência criativa das interpretações sobre a arte. Estas, sem deixar de lado o ato criador do artista, mergulham o intérprete nos sentidos que aí se encontram e que eles podem compreender diversamente, em virtude daquilo que permanece o mesmo e torna-se outro, através do tempo.

Há sempre uma hermenêutica das formas, das figuras. Falar de um novo modo da existência cheia de possibilidades, é o modo de estabelecer uma relação entre o que a obra de arte e o que

ela mostra e põe como apêlo, entre sua profundidade interior e suas cintilações. É preciso ouvir as ressonâncias destas relações e ver como se deixam figurar.

Na obra escolhida como ponto de partida das reflexões, são as curvas e os arcos, linhas retas e linhas recurvas que partem de pontos diversos para se encontrarem no meio, em vertical, e depois se abrirem no alto, na amplidão, como gestos de mãos que se elevam e que abraçam o ar em acolhimento, ou como caminhos que vêm de obscuridade à luz, passando pela sombra das proteções solares.

A obra está sempre em obra. É sempre uma exigência de transcendência e de transfiguração. Fala mais de duração que de presença, de contemporaneidade de todos os presentes comemorados no passado, no presente, no futuro, porque é celebração. Portadora de uma força original, é em si mesma a possibilidade de que a interpretação possa exteriorizar sua interioridade que a impulsiona a se desvelar e a se velar a partir da unidade de seu ser e de sua verdade sempre em marcha.

Especialização do tempo, temporalização do espaço, transfiguração das expressões ou figuras, temporalização do possível, esforço para transpassar o visível em direção ao invisível, é o que exige, para ser interpretada. Sua existência tornar-se-á, ao mesmo tempo, sempre velada e desvelada na sua verdade e exige um pensar mais, isto é, um significar mais. Isto nada mais é que buscar o real naquilo que ele pode ser.

A obra de arte como obra em obra é só um jogo de possível. Diz sua existência possibilitando-se em evoluções, na sua beleza, porque o desvelamento de seu ser particular está sempre em criação, entre aquilo que ele é e o que pode ser, superando-se inventando-se.

É um jogo que "ordena o mundo", como diz Heidegger, pela quatemidade englobante das raízes do ser real - o que ela é - e de sua verdade - o que ela quer, o que ela pode ser -, como uma invenção em obra que jorra uma imagem inteiramente nova, como a criação portadora de uma duração interior.

A experiência de obra de arte exige a transcendência em direção a um sentido a partir de um sentimento - o sentimento em relação ao seu mundo - em que convivem contemplação e gosto. É a magnificiência do ser do ente, esta obra de arte, não somente por sua realidade, mas por sua verdade, seu fundo significativo, sua profundidade. As interpretações da verdade da obra são só testemunhos devolvidos a seu mistério de ser que se desvela e vela.

É o mistério do ser através dos segredos dos entes que executam seu acabamento sempre em movimento, em direção a algo mais misterioso. É a marcha em direção à unidade ou a intimidade interior última da obra com os testemunhos de seu sentido, sua verdade, e perfeita no conjunto graças à expressividade convergente que é a glória do ser dado na percepção sensível. Esta manifestação é uma exigência do ser em direção a seu fundo por sua forma que se magnifica e pelo sensível, por seu modo de ser uma obra plena de inteireza, de esplendor.

No que se refere a uma obra de arte é preciso anotar o que ela é e tal como é, como unidade perceptiva em relação a si mesma e seu sentido e primordialidade significativa, sua imanência e profundidade, sua verdade. Ao mesmo tempo, a obra de arte revela a totalidade do ser, como expressividade das impressões recolhidas em sua intimidade. Clarifica e exterioriza os projetos do ser sensível e como uma obra em obra libera um caminho para seu segredo transcendente.

A atração por alguma coisa e o apêlo de algo são momentos que dizem da duração da obra de arte. A atração em direção a uma profundidade, como o esplendor de um mistério, o apêlo a um saber mais.

"Em todo ser e em toda coisa (o artista com) seu olhar penetrante descobre o caráter, isto é a verdade interior que transparece sob a forma" (Auguste RODIN, *L'Art* (Entretiens rémis par Paul Gsell), Paris, Mermod, 1953, p. 12) ao mesmo tempo que "o mistério é aliás como a atmosfera em que se banham as belíssimas obras de arte... Porque enfim só sentimos e só concebemos, no mundo, esta extremidade das coisas pela qual se apresentam a nós e podem impressionar nossos sentidos e nossa alma. Mas todo o resto mergulha

numa obscuridade infinita" (p. 266, 267). E fala de um "Desconhecido, que envolve por todos os lados a pequena esfera do conhecido"..., como "toda obra-prima, com este caráter misterioso. Encontramos aí sempre um pouco de vertigem" (267, 268).

E tudo isto diz que a obra pede um incessante questionar e um sentimento ou uma emoção da inteligência, diante da infinitude do mundo que a obra estabelece.

A obra de arte é sempre idêntica a si mesma e sempre outra. É portadora de inteligibilidade e de velamentos, de obscuridades e figurações. Porta em si um mistério que faz resplandecer sua magnificência de fundo e de forma. Quando as palavras faltam, um sentimento transborda em canto, ou em gesto, em dança. O mundo criado por ela produz uma emoção que se apossa do homem e que pode conduzi-lo aos questionamentos.

Diante do mistério da obra de arte, mistério da obscuridade infinita, um não-sei-que e algo de inefável surpreende o homem e pedem uma recriação, uma imersão no fundo da totalidade de seu ser, para captar os reflexos da inefabilidade de sua unidade e de sua verdade.

Este "Desconhecido" e este "Invisível" transcendem as coisas e sustentam suas possibilidades. É um desconhecido para nós, mas inteligível em si e fala de movimento de transcendência e de transfiguração das formas em direção à sua interioridade. O jogo da arte fala algo de totalmente diverso.

A obra de arte fala deste obscuro, oculto, secreto, claro - obscuro em parte, conteúdo que faz apêlo à totalidade. Este claro - escuro é mais substancial e mais profundo. É o inteligível que permite a busca do invisível, do "caráter", no seu esplendor de ser através da forma, de multiplicidade infinita de manifestações. Estas são resplendores de verdade do ser, porque a obra de arte, como jogo, faz advir a verdade do ser. E "o artista vê: "segundo Rodin", isto é, seu olho voltado a seu coração lê, profundamente, no seio da natureza" (p. 53).

Este algo misterioso é a fonte de uma experiência seletional, cheia da emoção da inteligência.

É uma experiência e uma viagem, como a aventura do ser. Experiência sensível que faz gozar o ser, sua verdade. Viagem que se faz num espaço no tempo, transcendendo-os por uma duração que é celebração e contemporaneidade. Por causa disto, pode-se faltar de "vertigem" como deslumbramento. Aventura que escuta os movimentos do ser no seu poder-ser, suas possibilidades que fazem advir sua verdade.

A plenitude de sentido da obra de arte anuncia o mistério de seu ser: o que ela é e o que permanece e sempre se torna algo diverso. As tentativas de interpretação da obra de arte se realizam através de figuras e do sentido alcançado. E cada vez descobrimos a obra de modo diverso do que a abordáramos.

A obra de arte é ontologicamente a manifestação da verdade, que faz resplandecer o mistério do ser do ente, a alma que vive nas coisas. Voltando ao ponto de partida, pode-se ver que o "Memorial da América Latina", como obra de arte, diz o que é e o que aparece na eclosão de seu ser. "Abre um mundo e estabelece a terra". Este ente criado fala da verdade que advém, sempre em obra.